

## OS PRECURSORES FILOSÓFICOS DA TEORIA COGNITIVA DAS METÁFORAS

ULRIKE SCHRÖDER  
(UFMG/FALE)

**RESUMO** *No seu livro “Wie Metaphern Wissen schaffen” (“Como metáforas criam conhecimento”), o lingüista Olaf Jäkel dedica-se a uma sistematização e reformulação da teoria cognitiva das metáforas, fundada pelos norte-americanos George Lakoff e Mark Johnson. Neste contexto, ele também remete-se a algumas teorias precursoras de outras áreas, dentre elas, ao pensamento de Immanuel Kant, que implica muitas semelhanças principalmente quanto aos elementos básicos da lingüística cognitiva em geral, embora Lakoff e Johnson recusem a teoria kantiana globalmente, por suspeitá-la objetivista.<sup>1</sup> O presente artigo tem como objetivo, depois de ter resumido as características essenciais da teoria cognitiva das metáforas, sintetizada por Jäkel, a apresentação de três linhas filosóficas nas quais encontram-se observações sobre metáforas que antecipam a teoria de Lakoff e Johnson: a filosofia da língua/a crítica da língua, a filosofia kantiana e a filosofia fenomenológica de Hans Blumenberg.*

**SUMMARY** *In his book “Wie Metaphern Wissen schaffen” (“How Metaphors create knowledge”), the linguist Olaf Jäkel devotes to a systematization and reformulation of the cognitive theory of metaphor which was founded by George Lakoff e Mark Johnson. In this context, he refers to some theories of predecessors of different areas, among others, to the thinking of Immanuel Kant which implies a lot of similarities to the basic elements of the cognitive linguistics in general, although Lakoff and Johnson refuse Kant's theory globally by accusing it of objectivism.<sup>2</sup> Having summarized the essential characteristics of the cognitive theory of metaphor, synthesized by Jäkel, the present article aims at presenting three philosophical currents which include observations about metaphors that anticipate the theory of Lakoff and Johnson: the philosophy of language/the criticism of language, the Kantian Philosophy and the phenomenological philosophy of Hans Blumenberg. Thereby will be shown the high coherence between the points that Jäkel claims for the cognitive theory of metaphor and the distinct assertions concerning metaphors made by the different philosophers.*

### 1. A ESTRUTURAÇÃO DA REALIDADE ATRAVÉS DO FALAR METAFÓRICO

Concomitantemente com o surgimento da lingüística cognitiva, a exclusiva reflexão impressionista de metáforas foi superada, quer dizer, metáforas não são percebidas mais de forma isolada como um fenômeno exclusivo de língua, mas sim, como uma expressão de estruturas conceituais e de capacidades cognitivas. Portanto, os fundadores da teoria cognitiva das metáforas, Lakoff e Johnson, compreendem metáforas como a reflexão de uma estrutura de pensamento básica dentro da linguagem, que nos permite entender um

---

<sup>1</sup> Cf. Lakoff/Johnson 1980, p. 195.

<sup>2</sup> Cf. Lakoff/Johnson 1980, p. 195.

domínio conceitual não estruturado por recorrer a um outro domínio de experiência conhecido.

Se língua estruturasse a nossa área de experiência, as categorias de língua, uma vez estabelecidas, serviriam a uma expansão permanente de quadros cognitivos, assim como à sua transferência para esferas de sentido que ainda terão que ser estruturadas. Isso já foi mencionado pelo linguísta e antropólogo norte-americano Edward Sapir:

New cultural experiences frequently make it necessary to enlarge the resources of a language, but such enlargement is never an arbitrary addition to the materials and forms already present ; it is merely a further application of principles already in use and in many cases little more than a metaphorical extension of old terms and meaning.<sup>3</sup>

Lakoff e Johnson mostram na sua pesquisa “Metaphors We Live By” como estruturas cognitivas podem ser reconstruídas através de uma análise dos estilos de fala. Para os autores, falar metaforicamente significa qualquer entendimento de um assunto com ajuda de expressões de outra área de assunto. Em conformidade com isto, perceber uma experiência de modo significativo quer dizer estabelecer correspondências entre uma área de experiência já deduzida conceitualmente e uma outra ainda não estruturada. Destarte, a nossa experiência torna-se coerente. Em regra geral, a maioria de nossos conceitos metafóricos criados baseia-se em experiências físicas.<sup>4</sup>

Em seguida, Lakoff e Johnson diferenciam três tipos de metáforas, que são responsáveis pela nossa estruturação da experiência:

1. *Structural Metaphors* são metáforas que transferem padrões de ação de uma área de ação definida a uma outra, por exemplo ARGUMENT IS WAR.<sup>5</sup>
2. *Oriental Metaphors* referem-se a conceitos que, através de uma referência a uma direção ou a um local, aplicam relações espaciais àquelas não-espaciais. Para tal, são exemplos os pares conceituais *em cima/em baixo, dentro/fora, em frente/atrás, fundo/raso e central/periferia* que se encontram em inúmeras áreas da experiência, por exemplo “Ele está sob hipnose.”<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Sapir 1949, p. 10. Em seguida, o aluno de Sapir, Benjamin Lee Whorf, analisou as metáforas e sua relatividade cultural no contexto do seu conhecido e polêmico estudo sobre os índios Hopi. Whorf revela alguns conceitos metafóricos que se encontram na maioria das línguas do SAE (*Standard Average European*), mas, segundo ele, de modo nenhum esses conceitos são universalmente válidos. Por exemplo, áreas de experiência como *duração, intensidade e tendência* são estruturadas dentro do SAE, ao contrário da língua dos Hopis. Nesta, essas áreas pertencem a uma classe própria, denominada *tensores*, que descrevem intensidades com ajuda de expressões metafóricas para a extensão espacial e através de conceitos como tamanho, número, posição, forma e movimento: “We express duration by ‘long, short, great, much, quick, slow,’ etc. ; intensity by ‘large, great, much, heavy, light, high, low, sharp, faint,’ etc. ; tendency by more, ‘increase, grow, turn, get, approach, go, come, rise, fall, stop, smooth, even, rapid, slow’ ; and so on through an almost inexhaustible list of metaphors that we hardly recognize as such, since they are virtually the only linguistic media available.” (Cf. Whorf 1973, p. 145)

<sup>4</sup> Cf. Lakoff/Johnson 1980, p. 59ss.

<sup>5</sup> Cf. Lakoff/Johnson, p. 5.

<sup>6</sup> Cf. Lakoff/Johnson, p. 14ss.

3. *Ontological Metaphors* interligam experiências com coisas do mundo fisicamente perceptível, ou seja, com experiências não-físicas, para tratar essas últimas também de modo perceptível, por exemplo “A inflação baixa o nosso padrão de vida”.<sup>7</sup>

O nosso conceito da realidade, por fim, pode ser entendido como acumulação e representação de conceitos metafóricos que, por sua vez, são compostos de camadas e estratos de vários outros conceitos metafóricos, que representam metáforas básicas. Assim, metáforas mais complexas têm raízes nessas mais profundas, como a orientação espacial, que corresponde, por exemplo, ao conceito “edifício” na frase: “Estes pontos são centrais para o nosso argumento e formam os pilares fundamentais para tudo em seguida.”<sup>8</sup> Desta forma, os autores trabalham metáforas conceituais como TIME IS MONEY, IDEAS ARE PEOPLE, THEORIES ARE BUILDINGS or LIFE IS A GAMBLING GAME etc., deconstruindo-as para revelar as metáforas particulares integradas.

Ao tratarem da pergunta filosófica sobre a localização da sua teoria entre o objetivismo e o subjetivismo,<sup>9</sup> Lakoff e Johnson contrapõem-se, entre outros, ao filósofo britânico John Locke e ao filósofo alemão Immanuel Kant. Sem levar em consideração que eles deram impulsos importantes ao desenvolvimento da teoria metafórica, criticam, por exemplo, a posição de Locke, que se limitaria a um desprezo da metáfora como figura retórica.<sup>10</sup> Mas, como a análise do linguísta alemão Olaf Jäkel mostra, a recusa a Locke refere-se apenas à metáfora trópica. Em outro ponto, ele destaca a interligação entre a expressão linguística e a base cognitiva, dependente dos nossos sentidos.<sup>11</sup>

Criticando, justamente, também a falta de uma sistematização da teoria de Lakoff e Johnson, Jäkel resume as afirmações principais da teoria de metáfora destes autores em nove teses<sup>12</sup>, que podem servir como base para uma comparação com os precursores filosóficos:

<sup>7</sup> Cf. Lakoff/Johnson, p. 25ss. Esta divisão foi criticada muitas vezes, cf. entre outros por Jäkel 2003, p. 136f. Os próprios autores distanciam-se dessa classificação depois. Assim, Lakoff substitui, progressivamente, o termo *orientational metaphors*, que se refere a estruturas muito mais básicas, pelo termo *image schemas*: “Image schemas are relatively simple structures that constantly recur in our everyday bodily experience: CONTAINERS, PATHS, LINKS, FORCES, BALANCES, and in various orientations and relations: UP-DOWN, FRONT-BACK, PART-WHOLE, CENTER-PERIPHERY, etc.” (cf. Lakoff 1987, p. 267).

<sup>8</sup> Cf. Lakoff/Johnson, p. 102.

<sup>9</sup> Ao contrário do objetivismo, que parte da suposição de que o reconhecimento independente do sujeito que reconhece a realidade como tal seja possível, o subjetivismo e, junto com ele, a divisão entre *res extensa* e *res cogitans* vêem o sujeito ou a consciência como a realidade primordial da qual se geram todas as outras realidades. Desta forma, estabelece-se, por um lado, a filosofia transcendental originada após Kant e, por outro lado, o empirismo radical de Berkeley e o solipsismo de Hume. As duas linhas da filosofia, no final do século dezenove, desembocam na fenomenologia e no psicologismo que constituem um subjetivismo novo.

<sup>10</sup> Cf. Johnson 1980, p. 46 e Lakoff/Johnson 1980, p. 190s.

<sup>11</sup> Cf. Jäkel 2003, p. 116 e Locke 1988, p. 403.

<sup>12</sup> Cf. Jäkel 2003, p. 40s.

1. TESE DA UBIQUIDADE: A metáfora não é uma exceção da criatividade poética ou da retórica.
2. TESE DO DOMÍNIO: Metáforas não podem ser vistas isoladas, mas conceitualmente. Tais conceitos interligam dois domínios (origem e destino).
3. TESE DO MODELO: Metáforas conceituais formam modelos cognitivos com estruturas da organização do conhecimento.
4. TESE DA DIACRONIA: Estudos sobre o desenvolvimento histórico de metáforas conceituais revelam mudanças de pensamento.
5. TESE DA UNIDIRECIONALIDADE: A relação entre o domínio de origem e o de destino não é reversível.
6. TESE DOS INVARIANTES: Os esquemas que são transferidos a um novo domínio não são modificados.
7. TESE DA NECESSIDADE: A metáfora tem três funções básicas: ela serve para a explicação, a compreensão e a exploração do mundo social. A sua base encontra-se em nossas experiências sensoriais e motoras.
8. TESE DA CRIATIVIDADE: A metáfora é aberta para inúmeros novos caminhos de pensamento.
9. TESE DA FOCALIZAÇÃO: A descrição da metáfora é parcial. Ela destaca certos aspectos do domínio destinatário e esconde outros.

## 2. OS PRECURSORES FILOSÓFICOS

### 2.1 A metáfora na perspectiva da filosofia da língua como crítica da língua

Segundo a “tese da ubiquidade” e a “tese da diacronia”, aproveitar expressões em contextos diversos, segundo a perspectiva de Lakoff e Johnson, pode ser visto como raiz para todas as tradições de ação de uma comunidade cultural. Especialmente no campo da filosofia da língua, encontra-se uma elucidação do fenômeno *metáfora*. Sem falar necessariamente da *metáfora* em todos os casos, tal elucidação inclui todas as nove teses que reúnem o pensamento de Lakoff/Johnson, destacando, sobretudo, as teses “da ubiquidade”, “do domínio”, “do modelo”, “da diacronia” e, com uma crítica forte da mesma, a “da focalização”. Convém ressaltar que Nietzsche, já em sua época, mostrou a força enganadora assim como a onipresença da metáfora:

Nur durch das Vergessen jener primitiven Metapherwelt, nur durch das Hart- und Starrwerden einer ursprünglichen, in hitziger Flüssigkeit aus dem Urvermögen menschlicher Phantasie hervorströmenden Bildermasse, nur durch den unbesiegbaren Glauben, diese Sonne, dieses Fenster, dieser Tisch sei eine Wahrheit an sich, kurz nur dadurch, dass der Mensch sich als Subjekt, und zwar als künstlerisch schaffendes Subjekt, vergisst, lebt er mit einiger Ruhe, Sicherheit und Konsequenz: wenn er einen Augenblick nur aus den Gefängniswänden dieses Glaubens heraus könnte, so wäre es sofort mit seinem »Selbstbewusstsein« vorbei.<sup>13</sup>  
*Somente pelo esquecer daquele mundo de metáforas primitivo, somente pelo endurecimento e pelo congelamento de uma massa de imagens originais, brotando da fantasia humana em líquido quente, somente pela crença invencível de que e s t e sol, e s t a janela, e s t a mesa seriam uma verdade por si, ou seja, somente pelo fato de que o homem se esquece como sujeito, e, nomeadamente, como sujeito c r i a n d o a r t i s t i c a m e n t e, ele vive com um pouco de tranqüilidade, segurança e consequência: se ele*

---

<sup>13</sup> Cf. Nietzsche 1999, p. 887. Tradução da autora.

*pudesse fugir dos muros de prisão dessa crença apenas por um momento, sua auto-consciência acabaria imediatamente.*

No início do século vinte, o filósofo da língua Fritz Mauthner observa que a metáfora é a fonte principal de qualquer desenvolvimento da língua<sup>14</sup> e realça a força enganadora da língua como poder social que provoca alucinações.<sup>15</sup> Produzir conhecimento sobre a realidade, para Mauthner, não significa progresso, mas sim, a classificação de algo até agora desconhecido sob uma categoria de língua já existente, na qual o desconhecido ocupa um lugar, ao passo que o reconhecer e o saber limitam-se às fronteiras da língua. O ponto de partida sensualístico da visão da língua de Mauthner realça, além das outras já mencionadas, também a “tese da necessidade”, incluindo o retrocesso da metáfora ao domínio da experiência sensorial e motora. Segundo ele, reconhecimento baseia-se em percepção sensual e, por conseguinte, por causa de nossos sentidos casuais,<sup>16</sup> é inadequado para a descrição do mundo, da forma como ele é. Em conformidade com isso, declarações e expressões de linguagem também são casuais. Desta forma, pode ser dito que uma teoria cognitiva de metáforas, em certos pontos, já foi antecipada na crítica da língua de Mauthner, não apenas no sentido diacrônico, mas também com relação a um enraizamento delas em nossa orientação fisiológica:

*Die Metapher als Grundquelle aller Sprachentwicklung führt wieder, da sie durchaus von der Sinnlichkeit ausgeht, zur Physiologie zurück und verbindet diese mit der Sprachwissenschaft, welche uns die Wissenschaft ist von dem, was zwischen den Menschen spielt.<sup>17</sup>*

*Como fonte principal de todo o desenvolvimento da língua, a metáfora, por sair inteiramente da sensualidade, volta para a fisiologia e a liga à lingüística, que representa a ciência do que acontece entre os homens.*

Finalmente, quanto à crítica da língua, chega-se ao ponto mais importante na abordagem de Mauthner, ou seja, à “tese da focalização”, que afirma que a metáfora apenas destaca certos aspectos do domínio destinatário, mas também esconde outros aspectos possíveis. Mauthner fala de “Wortaberglaube” (“superstição de palavra”) e “Wortfetisch” (“fetiche de palavra)<sup>18</sup>, exprimindo assim o grande auto-engano que o inconsciente uso cotidiano da metáfora provoca, e analisa, sobretudo, as metáforas da religião, da filosofia, da psicologia, focalizando a transferência metafórica do corpo físico à alma.<sup>19</sup>

<sup>14</sup> Cf. Mauthner 1982, p. 36. Com isso, ele proclama também a necessidade de ver a metáfora na sua ubiquidade e não apenas como um instrumento da retórica. Além disso, exige uma pesquisa da metáfora diacrônica (cf. Mauthner 1982, p. 123) e diferencia as metáforas poética e mecânica da seguinte forma: “Die Metapher in der Sprachentwicklung wird mechanisiert dadurch, daß die Vergleichung aus dem Bewußtsein schwindet und das Wort eben eine neue Bedeutung zu gewinnen scheint.” (“Dentro do desenvolvimento da língua, a metáfora é mecanizada pelo desaparecimento da comparação feita da consciência e pelo fato de, portanto, a palavra parecer obter um significado novo.”, tradução da autora), cf. Mauthner 1982, p. 131.

<sup>15</sup> Cf. Mauthner 1982, p. 43.

<sup>16</sup> Cf. Mauthner 1982, p. 353ss.

<sup>17</sup> Cf. Mauthner 1982, p. 36. Tradução da autora. Uma análise de várias metáforas no nosso cotidiano, que segue também a tese da unidirecionalidade, encontra-se em Mauthner 1982, p. 91ss.

<sup>18</sup> Cf. Mauthner 1982, p. 155ss.

<sup>19</sup> Cf. Mauthner 1982, p. 243ss.

O dualismo de corpo e alma/mente, no qual a alma/mente torna-se metáfora-chave da filosofia européia, estabelece-se desde a matematização da natureza à época do Renascimento e manifesta-se nas diferenças ontológicas *espírito/corpo, interior/exterior, mental/físico, res cogitans/res extensa*. Uma revelação deste mito é também feita pelo filósofo norte-americano Gilbert Ryle, que observa na sua abordagem “The Concept of Mind”, publicada em 1949, como a maioria dos filósofos fia uma teia de metáforas que é tecida nessa dualidade insolúvel. De acordo com esta metáfora, o homem passa por duas vidas: a primeira acontece no mundo do seu corpo físico, a segunda no mundo da sua mente. Em tais imagens, o modelo geométrico torna-se base para uma metáfora dinâmica que, finalmente, domina inteiramente o nosso pensamento científico e cotidiano:

When the wheel-noises of the train make “Rule Britannia“ run in my head, the wheel-noises are audible to my fellow-passengers, but my “Rule Britannia“ is not. The rhythmic rattle fills the whole carriage; my “Rule Britannia“ does not fill that compartment or any part of it, so it is tempting to say that it fills instead another compartment, namely one that is a part of me. The rattle-noises have their source in the wheels and the rails; my “Rule Britannia“ does not have its source in any orchestra outside me, so it is tempting to state this negative fact by saying that it has its source inside me.<sup>20</sup>

Uma análise dos mitos da língua com os quais os filósofos criam seus grandes sistemas é feita também pelo filósofo Ludwig Wittgenstein, que não fala diretamente da *metáfora*, mas sim, da “imagem” que “mantinha-nos prisioneiros”.<sup>21</sup> Ele vê como sua tarefa principal o retrocesso das palavras metafísicas ao seu uso cotidiano, distanciando-se do “primeiro Wittgenstein”, que, dentro do seu *Tractatus logico-philosophicus*, ainda seguia o ideal da filosofia analítica. Ao mesmo tempo, Wittgenstein realça a interligação entre língua e pensamento que se encontra também na teoria cognitiva das metáforas, especialmente na “tese do modelo”:

*Tratado Lógico-Filosófico* 4.5: “A forma geral da proposição é: as coisas estão assim e assim”. – Esta é uma proposição da espécie que se repete inúmeras vezes. Acredita-se estar indo sempre de novo atrás da natureza, e vai-se apenas ao longo da forma pela qual nós a contemplamos.<sup>22</sup>

## 2.2 A metáfora na perspectiva da epistemologia kantiana

Muito antes de Ludwig Wittgenstein, Immanuel Kant, cuja filosofia marca o começo do idealismo alemão, constitui uma epistemologia na qual observam-se várias paralelas à lingüística cognitiva. Embora Kant não tenha uma noção da metáfora, ele trata deste fenômeno recorrentemente em toda a sua obra, falando dos *símbolos*.<sup>23</sup> Na sua “Kritik der reinen Vernunft” (“Crítica da razão pura”), Kant nomeia duas raízes do nosso reconhecimento: o pensamento conceitual (“begriffliches Denken”) e a intuição sensual

---

<sup>20</sup> Cf. Ryle 1973, p. 36s.

<sup>21</sup> Wittgenstein 1994, p. 72, § 115.

<sup>22</sup> Wittgenstein 1994, p. 72, § 114.

<sup>23</sup> Cf. também Jäkel 2003, p. 116ss.

(“sinnliche Anschauung”), destacando que todo o pensamento, por fim, refere-se a intuições e à sensualidade, porque de outro modo nenhum objeto nos pode ser dado.<sup>24</sup> Na sua “Crítica da força de juízo” (“Kritik der Urteilskraft”), Kant mostra como um objeto abstrato é imaginado de modo simbólico por meio de um objeto concreto, constituindo uma analogia:

So wird ein monarchischer Staat durch einen beseelten Körper, wenn er nach inneren Volksgesetzen, durch eine bloße Maschine aber (wie etwa eine Handmühle), wenn er durch einen einzelnen absoluten Willen beherrscht wird, in beiden Fällen aber nur symbolisch vorgestellt. Denn zwischen einem despotischen Staate und einer Handmühle ist zwar keine Ähnlichkeit, wohl aber zwischen der Regel, über beide und ihre Kausalität zu reflektieren. Dies Geschäft ist bis jetzt noch wenig auseinandergesetzt worden, so sehr es auch eine tiefere Untersuchung verdient; allein hier ist nicht der Ort, sich dabei aufzuhalten. Unsere Sprache ist voll von dergleichen indirekten Darstellungen nach einer Analogie, wodurch der Ausdruck [...] bloß ein Symbol für die Reflexion enthält. So sind die Wörter *Grund* (Stütze, Basis), *abhängen* (von oben gehalten werden), worauf *fließen* (statt folgen), *Substanz* und unzählige andere [...] symbolische Hypotyposen und Ausdrücke für Begriffe nicht vermittelt einer direkten Anschauung, sondern nur nach einer Analogie mit derselben, d.i. der Übertragung der Reflexion über einen Gegenstand der Anschauung auf einen ganz anderen Begriff, dem vielleicht nie eine Anschauung direkt korrespondieren kann.<sup>25</sup>

*Desta forma, um estado monárquico é imaginado simbolicamente ou como corpo com alma, quando se refere a suas leis populares, ou como máquina pura (por exemplo, como moinho manual), quando se refere a um único querer que o domina. Pois entre o estado despótico e um moinho não existe uma semelhança, mas entre a regra que se reflete sobre a causalidade de ambos. Até agora não existe nenhuma análise sobre isso, embora mereça uma pesquisa mais profunda; mas aqui não é o lugar para se tratar disso. Nossa língua está cheia dessas apresentações indiretas segundo uma analogia, com que a expressão [...] apenas inclui um símbolo para a reflexão. Deste modo, palavras como Grund (apoio, base), abhängen (segurar de cima), woraus fließen (fluir ao invés de seguir), Substanz (substância) e inúmeras outras [...] são hipotyposes e expressões simbólicas para conceitos não por meio de uma intuição direta, mas sim, por meio de uma analogia com a mesma, quer dizer, por meio da transferência da reflexão sobre um objeto da intuição para um conceito completamente diferente ao qual, talvez, nunca possa corresponder uma intuição diretamente.*

Aqui, encontra-se uma definição da metáfora cognitiva e conceitual que antecipa os pontos cruciais da teoria de Lakoff/Johnson, especialmente a “tese da necessidade”, ligada a um fundamento epistemológico da unidirecionalidade metafórica: conceitos, aos quais nenhuma intuição sensual corresponde diretamente, são deduzidos epistemologicamente por meio de uma transferência analógica. Em toda sua obra, Kant volta a analisar metáforas, por exemplo, o tempo visto como uma linha direcionada,<sup>26</sup> a criação de Deus como obra da arte<sup>27</sup> ou as condições jurídicas como atração e repulsa mecânica dos corpos.<sup>28</sup>

<sup>24</sup> Cf. Kant 1986, B 33. Tradução da autora.

<sup>25</sup> Cf. Kant 1990, § 59.

<sup>26</sup> Cf. Kant 1986, B 50.

<sup>27</sup> Cf. Kant 1986, B 655. Cf. a uma teoria cognitiva de metáfora na obra de Kant também Jäkel 2003, p. 116ss.

<sup>28</sup> Cf. Kant 1976, § 58. Posteriormente, no início do século vinte, o neo-kantiano Ernst Cassirer aprofunda a importância cognitiva da *intuição sensual* como sendo constitutiva para o reconhecimento da *intuição espacial*. Esta é incorporada na “reprodução metafórica de determinações mentais através de

### 2.3 A metáfora na perspectiva da filosofia fenomenológica de Hans Blumenberg

Durante os anos sessenta, o filósofo Hans Blumenberg começa a dedicar-se a desenvolver sua “Metaphorologie” (metaforologia) em dois ensaios importantes: “Paradigmen zu einer Metaphorologie” (“Paradigmas a uma Metaforologia”), publicado em 1960, e “Beobachtungen an Metaphern” (“Observações em Metáforas”), publicado em 1971. O projeto dessa *metaforologia* é definido como um processamento cognitivo-lingüístico:

die Metaphorologie sucht an die Substruktur des Denkens heranzukommen, an den Untergrund, die Nährlösung der systematischen Kristallisationen. [...] Denn hier finden wir Orientierungen, die abgelesen werden an ganz elementaren *Modellvorstellungen*, die in der Gestalt von Metaphern bis in die Ausdruckssphäre durchschlagen.

*A metaforologia procura aproximar-se à sub-estrutura do pensamento, ao fundo, o frutífero das cristalizações sistemáticas. [...] Pois, aqui, encontram-se orientações que são lidas pelas idéias modeladas elementares que passam, sob a forma de metáforas, até a esfera de expressão.*<sup>29</sup>

Destarte, Blumenberg propõe uma metodologia reconstrutiva: a metáfora de linguagem torna-se chave para o mundo da vida do homem.<sup>30</sup> Ele observa várias metáforas: a VERDADE como *luz* ou *ator*, o MUNDO como *vivo*, *relógio*, *barco*, *teatro* ou *livro*,<sup>31</sup> a HISTÓRIA REAL como *conto*, a VIDA como *passeio de barco* e TEMPO como *espaço*, e chama a atenção continuamente para a base fisiológica dessas metáforas assim como para a do TEMPO como *espaço*:<sup>32</sup>

Es mag sein, daß das mit Sachverhalten aus der Entwicklung des Gehirns zusammenhängt, in dem genetisch die Leistungen der Raumvorstellung älter sind als die der Zeitvorstellung.<sup>33</sup>  
*Pode ser que isso tenha relação com os fatos que resultam do desenvolvimento do cérebro, no qual os trabalhos da idéia de espaço, geneticamente, são mais velhos do que aqueles da idéia de tempo.*

Finalmente, especialmente a partir da sua análise de tantas metáforas diferentes, Blumenberg representa o percurso filosófico mais próximo a Lakoff/Johnson, de modo que a “nautische Daseinsmetaphorik” (a metafórica da existência náutica)<sup>34</sup> pode ser facilmente transposta ao vocabulário de Lakoff e Johnson como LIFE IS A JOURNEY.<sup>35</sup>

---

determinações espaciais” (“metaphorischen Wiedergabe geistiger Bestimmungen durch räumliche“), cf. Cassierer 1973, p. 150.

<sup>29</sup> Cf. Blumenberg 1960, p. 64.

<sup>30</sup> Cf. Blumenberg 1979, p. 83.

<sup>31</sup> Cf. Blumenberg 1960, p. 12ss.

<sup>32</sup> Cf. Blumenberg 1971, p. 166ss.

<sup>33</sup> Cf. Blumenberg 1971, p. 166.

<sup>34</sup> Cf. Blumenberg 1971, p. 171.

<sup>35</sup> Cf. Lakoff/Turner 1989, p. 61.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi mostrado que um entendimento de metáforas segundo a teoria cognitiva as localiza em nosso comportamento de linguagem cotidiano, recusando, desta forma, uma visão exclusivamente retórica da metáfora. Partindo das características principais dessa teoria, conforme as descreveu o lingüista Olaf Jäkel, foram apresentados três modelos da filosofia nos quais já se encontram elementos de uma tal compreensão de metáfora antecipada. Mesmo que o objetivo dessas abordagens filosóficas em relação à metáfora seja diferente daquele de Lakoff e Johnson (estes realmente dedicaram-se a uma reconstrução da realidade cotidiana, ao passo que especialmente a crítica da língua se propõe a revelar as ilusões, sobretudo dentro das línguas científicas), a definição da metáfora já incluía quase todos os aspectos relevantes. Assim sendo, o grande mérito de Lakoff e Johnson seria menos a descoberta de uma nova função da metáfora além do seu uso retórico, mas sim, a explicitação da sua onipresença em dar e sistematizar inúmeros exemplos do falar cotidiano. Por conseguinte, o que é importante, enquanto se trata com um fenômeno dentro de uma disciplina, é olhar além das fronteiras da própria disciplina também para descobrir portas que podem se abrir a uma nova perspectiva desconhecida.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLUMENBERG, Hans. (1979). *Schiffbruch mit Zuschauer: Paradigma einer Daseinsmetapher*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- \_\_\_\_\_. (1971). Beobachtungen an Metaphern. In: GRÜNDER, Karlfried (ed.). *Archiv für Begriffsgeschichte*. Band 15. Bonn: Bouvier, pp. 161-214.
- \_\_\_\_\_. (1960). Paradigmen zu einer Metaphorologie. In: ROTHACKER, Erich (ed.). *Archiv für Begriffsgeschichte*. Band 6. Bonn: Bouvier, pp. 7-142.
- CASSIRER, Ernst. (1973). *Philosophie der symbolischen Formen. Band 1. Die Sprache*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- JÄKEL, Olaf. (2003). *Wie Metaphern Wissen schaffen*. Hamburg: Verlag Dr. Kovaè.
- JOHNSON, Mark. (1980). A Philosophical Perspective on the Problems of Metaphor. In: HONECK, Richard P. & HOFFMAN, Robert R. (ed.). *Cognition and Figurative Language*. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum, pp. 47-67.
- KANT, Immanuel. (1986). *Kritik der reinen Vernunft*. Hamburg: Felix Meiner.
- \_\_\_\_\_. (1990). *Kritik der Urteilskraft*. Hamburg: Felix Meiner.
- \_\_\_\_\_. (1976). *Prolegomena zu einer jeden künftigen Metaphysik, die als Wissenschaft wird auftreten können*. Hamburg: Felix Meiner.
- LAKOFF, George. (1987). *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago/London: The University of Chicago Press.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. (1980). *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press.
- LAKOFF, George & TURNER, Mark. (1989). *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago/London: The University of Chicago Press.

## SCHRÖDER – Os precursores filosóficos da

---

LOCKE, John. (1988). *An Essay concerning Human Understanding*. Oxford: Oxford University Press.

MAUTHNER, Fritz. (1982). *Beiträge zu einer Kritik der Sprache. Erster Band: Zur Sprache und zur Psychologie*. Frankfurt am Main, Berlin, Wien: Ullstein.

NIETZSCHE, Friedrich. (1999). *Die Geburt der Tragödie. Unzeitgemäße Betrachtungen I-IV. Nachgelassene Schriften 1870-1873. Kritische Studienausgabe in 15 Bänden. Band 1*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag.

RYLE, Gilbert. (1973). *The Concept of Mind*. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books Ltd.

SAPIR, Edward. (1949). *Selected Writings of Edward Sapir in Language, Culture and Personality*. Los Angeles: University of California Press.

WHORF, Benjamin Lee. (1973). *Language, Thought and Reality. Selected Writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge, Massachusetts: The M.I.T. Press.

WITTGENSTEIN, Ludwig. (1994). *Investigações Filosóficas*. Petrópolis: Vozes.